

Amar o próximo

João César das Neves

A nossa época está cheia de solidariedade. Por todo o lado vemos iniciativas, campanhas, movimentos e organizações para a justiça e amizade das pessoas. Os jornais, os políticos até os artistas chamam continuamente a atenção para os direitos humanos, para a miséria no Terceiro Mundo ou nos bairros da lata, para a necessidade de defender a dignidade e promover justiça e o bem-estar das pessoas, sobretudo das mais desprotegidas. Comparado com as outras épocas do mundo, em que apenas algumas vozes isoladas falavam nestes problemas, não há dúvida de que hoje se vive um clima geral de solidariedade.

Isso é indiscutivelmente bom. É até mesmo muito parecido com aquilo que nós devíamos fazer. Mas, realmente, não é ainda aquilo que devíamos fazer. Porque aquilo que nos foi dito para fazermos foi, simplesmente, amar o próximo. Aquilo que vemos fazer é muito parecido com amar o próximo. Mas, realmente, não é amar o próximo.

Nós hoje somos continuamente postos diante de grandes ideais de liberdade e felicidade da humanidade ou perante os problemas de pessoas longínquas. E, face a elas, reagimos de forma bondosa e generosa. Mas continuamos a ser maus para aqueles de quem, realmente estamos próximos. Amamos a humanidade calorosamente. Só temos mesmo problemas em suportar os tipos com quem vivemos.

A televisão hoje, traz-nos presente a miséria dos curdos, dos mauberes e de muitos outros. E estamos solidários com esses povos remotos. E sentimo-nos bem por isso. Apesar de, logo a seguir, respondermos torto à mulher ou aos filhos. Amamos, do fundo do nosso coração, a Princesa Diana ou a Madre Teresa de Calcutá. Mas detestamos o colega ou o chefe no emprego e ignoramos o pobre que pede na rua..

Quer isso dizer que devemos acabar com as campanhas de ajuda ao Terceiro Mundo ? Claro que não. Graças às tecnologias da informação, somos hoje próximos também deles e, por isso, temos o dever de os amar. Mas o que não podemos é substituir por esses aqueles que, realmente, nos são mais próximos.

É nestes momentos que vemos a profunda sabedoria de Cristo ao mandar-nos amar o próximo. Acho mesmo que foi a pensar neste nosso tempo que Ele disse isto desta forma. Note-se que, durante séculos, o mandamento do amor ao próximo soava de forma estranha.

Nas aldeias da antiguidade ou medievais toda a gente que existia era próxima. Por isso, então, se Cristo tivesse dito para amar “o outro” ou “as pessoas”, teria falado de modo mais claro e geral. Mas Ele quis dizer “o próximo”, certamente a pensar no nosso tempo, em que temos muitos longínquos para amar e poderíamos fazer confusão.

Mas porque razão é tão difícil amar o próximo ? Oh, isso é fácil de responder ! Porque o próximo é um “chato”. Aqueles com quem vivemos continuamente são, realmente, irritantes. Conhecemos-lhes todos os defeitos, e temos enorme dificuldade em suportá-los. Quanto mais amá-los. Até nos casos, muito raros, em que o nosso próximo é mesmo uma pessoa excelente, nós conhecemos bem aquelas pequenas falhas que mancham inelutavelmente o conjunto. É esse o motivo porque temos toda a razão em não amar o próximo.

Quando vemos alguém como a Princesa Diana, amamo-la instintivamente. Ela está lá longe mas, apesar disso, temos por ela uma amizade que parece vir de uma profunda intimidade. E temos enorme dificuldade em entender porque é que alguns dos que lhe eram próximos não a amavam como nós a amávamos. É este o jogo de ilusões do amor televisivo. Mas não temos qualquer dificuldade em explicar porque razão não amamos os que nos são próximos; mesmo quando outros, que estão longe deles, parecem amá-los facilmente.

Ao mandar-nos amar o próximo, o Senhor Jesus ordenou-nos algo difícil e, em certos casos bastante injustificado. Nós temos boas razões de queixa contra esse próximo. Nós somos boas pessoas, como se vê pela facilidade com que amamos pela televisão. Só que colocando próximos tão execráveis como estes que temos ao pé de nós, é claro que não os conseguimos amar !

Por isso, tentamos resolver a questão falando de “tolerância” ou “respeito de direitos” dos outros. Mas o que nos foi dito não foi isso; foi mesmo “amar”. Ou então desviamos o problema, amando a humanidade ou os povos oprimidos. Mas o que nos foi dito não foi isso; foi mesmo “amar o próximo”. Ao notar as dificuldades em amar o próximo, temos toda a razão. Mas esquecemos então que, além do mandamento, também nos foi dita a forma e a razão de o fazermos. E isso resolve a questão.

Na expressão de S.Tomás de Aquino, devemos “amar o próximo em Deus e por causa de Deus”. É este o segredo. Ao amarmos o próximo, estamos a amar indirectamente

Deus, pois tudo o que em nós e no próximo é bom e passível de amor, vem de Deus. No fundo, no próximo nós amamos o bem de Deus. Porque aquilo que no próximo não vem de Deus, o mal, o pecado, a mentira, não o devemos amar. E o resto, é manifestação permanente do Altíssimo. Cada uma das pessoas é uma presença viva e radiosa da multiforme e infinita bondade do Deus, que nos ultrapassa a todos.

Era assim que amava o próximo a Santa Teresa de Calcutá. Ao amar o próximo, ela amava Cristo que via presente em cada um dos seus irmãos. Como o próprio Cristo disse que seria. Era por isso que ela amava aqueles que mais ninguém conseguia amar. Porque ninguém tem dificuldade em amar Deus, Ele que é infinitamente bom e amável.

Assim, o amor do próximo vem da mesma raiz de onde vem o amor de Deus, porque, no fundo, é a mesma coisa. E essa raiz é a força mais poderosa, mais maravilhosa e mais duradoura do universo. Foi ela que fez o universo e a cada um de nós, e nos orienta em cada passo da nossa vida. É com essa força que amamos a Deus e ao próximo. Ela que é a única força que durará para todo o sempre. E se chama “divina Caridade”.

Diário de Notícias, 24 de Novembro de 1997